



A Kini e Gilá eram grandes amigas que residiam em Monte Café. Uma bela manhã a comunidade de Monte Café combinou para fazer um piquenique na praia Lagoa Azul. As duas meninas ficaram felizes pelo convite para participar nesse piquenique.





Na hora combinada todos organizaram a comida, as roupas para praia e iniciaram a viagem. Joãozinho que era filho do motorista começou por informar:

– Eu conheço todos os lugares de São Tomé e Príncipe.

Chegados a Batepá o Joãozinho diz:

– Aqui é Batepá, zona de safú, banana e fruta pão.





Chegaram a Trindade, Joãozinho falou:
– Estamos na cidade da Trindade.
Aproveitemos para comprar safú.

Na Trindade viram muitas motorizadas, muitos carros, casas, e uma grande escola. As meninas perguntaram de que escola se tratava. O Joãozinho explicou que era a escola Secundária da Trindade.



Continuaram o percurso passando por Roça Favorita, Fábrica Valudo. O Joãozinho todo contente explicou:

– É a fábrica de óleo de côco. Valudo é o nome do côco seco.

Estavam tão ansiosas para ver a fábrica, mas não foi possível nesse dia. A Kini solicitou a mãe quando é que podia lá ir. A mãe respondeu-lhe:

– Brevemente viremos visitar a Fábrica Valudo.





Kini e Gilá começaram a cantar canções, enquanto a carrinha percorria a estrada. O motorista conduzia numa marcha lenta para que pudessem apreciar a paisagem. As meninas que estavam muito ansiosas pediram ao motorista:

– Senhor conductor acelere!

A mãe da Kini disse:

– Nunca peçam para o motorista acelerar!

– Porquê? – perguntaram as duas meninas ao mesmo tempo.



A mãe da Kini explicou que é perigoso, quando se conduz. Justificou a razão da marcha lenta e dos perigos na estrada.

Eis que aparece um menino na estrada de Madre de Deus a atravessar sem observar! O motorista travou a carrinha, desceu e disse-lhe:

– Deves observar muito bem para todos os lados da estrada e só depois podes atravessar se não tiver nenhum transporte a circular pela via.





A viagem prosseguia numa euforia geral. As crianças e os adultos cantavam e faziam perguntas ao Joãozinho sobre cada detalhe dos lugares.

Chegados à Capital de São Tomé, o motorista avisa que vai abastecer a carrinha na bomba de combustível. A cidade capital estava muito movimentada, eram carros, hiaces, motorizadas, muitas pessoas vendedoras ambulantes, muitos prédios, tudo muito intenso para os olhos das crianças.

Era tudo maravilhoso. As meninas riam e batiam palmas de felicidade. O Joãozinho olhou para a bomba de combustível e disse:
– CEDEC, nome deste lugar.

O motorista abasteceu e prosseguiram a estrada. Passaram pelo Quartel General das FASTP, estavam alguns militares a fazerem exercícios e treinamento.

Seguidamente chegaram a Guadalupe. A mãe da Gilá que já havia pedido ao motorista que estacionasse no mercado de Guadaupe para comprar a jaca, saiu e foi comprar uma grande cabeça de jaca amarela.





Continuaram o percurso e as meninas pediram aos adultos para cantarem canções da sua infância. Cantaram Salalê três três juntamente com as crianças.

*Salalê três, três,
Eh, salalê três, três
Eh mana zinha chuta,
Eh chuta bola chuta,
Eh na baliza chuta
Kalidindóm, kalidindóm, kalidindóm,
Chuta!!!*

As gargalhadas e alegria enchiam a comunidade de Monte Café que estava na carrinha, nesta ida a Lagoa Azul. Eram fotos a cada paisagem avistada. Tudo era registado no coração, nos olhos e nas fotos.

Passaram por tanta vegetação e pela savana. O João virou-se para o grupo: – Estamos a chegar!

De longe avistaram uma água azul e muitos imbondeiros gigantes.



O Motorista avisou:

– Vamos agora por este caminho de mato.
Sentem-se e não se movimentem!

Começou a percorrer a travessa e eis que o
menino Joazinho, grita:

– Já chegámos!

– Oh! Que lugar maravilhoso! – exclamou a
Kini. – Gilá, vem! Vamos ver a água azul!



As duas desceram da carrinha, correram e recolheram a água com as mãos. Espantadas, gritaram ao mesmo tempo:

- Xei! A água não é azul!!!

O motorista disse:

- A cor azul da lagoa é gerada pela reflexão de plantas que habitam ao fundo do mar.





Emocionadas as meninas corriam na praia felizes. Batiam as mãos repetidas vezes na água: *txaca-txaca-txaca*. A felicidade era enorme. Uns fotografavam, outros cantavam, descobrindo e deliciando aquele lugar que parecia mágico. A alegria era tanta que as meninas nem se preocuparam em comer o lanche. Era corrida para cá, corrida para lá, aos saltos e pulos, apanhavam conchas que iam colocando em sacos plásticos.

As mães das meninas fizeram uma fogueira para assar safú. Cortaram a jaca e partilharam com todos, o lanche do safú com a jaca.

Era um ambiente tão natural e puro, os pássaros chilreavam e o barrulho das ondas criou um clima de harmonia e paz.

Dançaram *Tafúá*, dança tradicional de Monte Café, aos sons dos tambores e palmas.



À volta dos imbondeiros o vento assobiava e as folhas tremiam, até a natureza traduzia a felicidade. A Kini e a Gilá começaram a observar os peixinhos que nadavam entre as pedras da lagoa. Eram tão lindos! Mas perceberam que diante de toda esta beleza, estava alguma coisa errada.

– Adivinhem, o que está errado aqui? – perguntou a Kini.

Estavam espalhados pela praia latas vazias de sumo, muitos plásticos, garrafas de vidros, lixos deixados por outros visitantes no dia anterior.





Então juntas tiveram uma ideia:

– Vamos ajudar os senhores da câmara a fazer a limpeza, recolhendo o lixo deixado e vamos organizar o nosso, para que a praia fique limpa e linda.

Conversaram com os adultos e estes também aderiram a limpeza junto aos funcionários da câmara e efectuaram a limpeza da praia.





O lixo foi recolhido por tipo de material. Num saco o resíduo de vidro, noutro o plástico, outro metal e último para recolha de cartão, papeis, e folhas secas.

– A praia ficou muito limpa! – exclamaram as meninas. – Uma praia limpa deixa tudo muito agradável e bonito!

– Vamos outra vez para o mar! – disse a Kini.





É chegada a hora do almoço, os adultos organizaram um grande círculo com as toalhas e por cima destas colocaram as refeições que levaram: a lussua, calulu, banana com peixe, kangado, kusaká, o molho no fogo e muito mais da gastronomia de São Tomé e Príncipe.



Era o momento da despedida, o regresso à casa. Todos estavam felizes por terem aproveitado tanta beleza da Lagoa Azul. Deixaram a lagoa limpa, sem restos de comida, nem outros tipos de materiais que prejudicam a natureza. Levavam saudades a caminho da roça com a esperança de voltar a este lugar tão mágico, bonito e especial!
Adeus Lagoa Azul, até a próxima!

